

Editorial

IMPASSE NA
EDUCAÇÃO

Desde o dia 8 do mês passado, portanto há quase 30 dias, que os professores da rede pública estadual estão em greve, o que tem gerado insatisfação de muitos pais, que declaram que não aguentam mais manter os filhos dentro de casa, sem ir às aulas.

A situação é grave. Prover educação é um princípio constitucional, dever do Estado e direito do cidadão. O que fazer, então, quando o poder público, embora independente de sua vontade, falha na contraprestação desse serviço essencial à sociedade ou outros motivos impeçam que ele seja prestado? Os prejuízos não são difíceis de mensurar.

A falta de aulas coloca em inferioridade os estudantes da rede pública em relação aos da rede particular. É conhecido o distanciamento de conhecimentos entre uns e outros estudantes, derivado, entre outros fatores, de percalços como esses. A sociedade paga um alto preço por essa instabilidade.

O sistema, tanto o Estado como seus servidores, os professores, promete que as aulas serão repostas, durante as férias ou em dias em que, normalmente, elas não ocorrem. Mas não é a mesma coisa. As reposições nunca são feitas adequadamente e férias não são só dos escolares, mas de seus familiares também.

O Ministério Público está promovendo, amanhã, uma reunião com os professores, os pais de alunos e a Secretaria de Educação. O objetivo é encontrar um meio de pôr fim à greve. Os professores reivindicam uma forma de recomposição de seus vencimentos.

O governo diz que paga o valor fixado com relação ao piso e suas parcelas remuneratórias. Chama em seu apoio o entendimento do STF. Afirma que não existe a menor possibilidade de conceder qualquer reajuste legalmente. Os prazos da lei eleitoral e da Lei de Responsabilidade Fiscal estão vencidos.

Portanto, o que se espera é que, sentadas à mesa, as partes consigam resolver o impasse, cujos danos são irreversíveis e extensivos a todos, sem exceção.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Medioli
PRESIDENTE	Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	EDITORA EXECUTIVA
Leandro Figueiredo	Lúcia Castro
GERENTE DE TECNOLOGIA	SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Fábio A. Santos	Michele Borges da Costa
GERENTE INDUSTRIAL	ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Guilherme Reis	Aline Reskalla
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	EDITORES
Walmir Prado	Primeira Página: Robert Wagner
GERENTE DE MARKETING	Opinião: Victor de Almeida
Alessandra Soares	Economia: Karlton Aredes
GERENTE DE CIRCULAÇÃO	Política: Carla Kreefft
Isabel Santos	Magazine: Silvana Mascagna
	Fotografia: Leonardo Lara
	Brasil/Mundo: Carla Chein
	Esportes: Denner Taylor
	Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke

E AÍ, QUEM FOI QUE GANHOU NAS PRÉVIAS DO PT O DIREITO DE PERDER A INDICAÇÃO PARA O HÉLIO COSTA?



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A riqueza da diversidade
na experiência do sagrado

Candomblé é religião e um terreiro é um templo

Formação de Professores e Religiões de Matrizes Africanas: um Diálogo Necessário”, livro do sacerdote da religião de matriz africana, professor Erisvaldo Pereira dos Santos, da Universidade Federal de Ouro Preto, preenche uma lacuna, pois a bibliografia na área é escassa e a implementação da lei nº 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira exigem suporte acadêmico confiável para enfrentar ignorâncias e preconceitos contra as religiões de tradição oral, como as expressas no candomblé das nações ketu, efon, ijexá e xambá, que cultuam orixás; e angola e jeje, que, respectivamente, veneram inquices e voduns. Logo, os candomblés são muitos.

O vocábulo candomblé é de origem bantu: ca = uso, costume + ndomb = negro, preto + lê = lugar, casa, terreiro e/ou pequeno atabaque, significando “lugar de costume dos negros”. Candomblé é religião e um terreiro de candomblé é um templo, um local sagrado. Num contexto de recrudescimento de intolerância religiosa, é louvável um livro que aborda a tolerância religiosa como a valorização do sagrado do outro. Um ponto fascinante é a abordagem da oralidade, “uma marca das culturas de raízes africanas”, que para Juana Elbein dos Santos, autora de “Os Nãgô e a Morte”, é mais que uma pedagogia: “é instrumento a serviço da estrutura dinâmica nagô”.

E o autor acrescenta: “Mesmo reconhecendo o valor da importância da oralidade no processo de transmissão dos conteúdos sobre as heranças africanas,

assumi o desafio de contribuir mais efetivamente para a formação de professores, através da escrita (...), em prol do respeito, do diálogo e do acolhimento à diversidade religiosa brasileira”.

O livro do pai de santo Erisvaldo – Babá Mejeuí, “Erisvaldo d’Ogum”, filho da yalorixá Lídia de Oxalá – é significativo para quaisquer comunidades religiosas, pois, como ele diz, “não é possível construir atitudes de respeito e valorização do sagrado do outro sem que se conheça a história, os valores e o sentido inerentes à experiência de sagrado

“Não é possível construir atitudes de respeito e valorização do sagrado do outro sem que se conheça a história, os valores e o sentido da experiência”

presente na religião. O êxito dessa tarefa está relacionado a dois fatores significativos: o primeiro é uma formação de professores com sólidos embasamentos teóricos e comprometidos com os objetivos de uma educação democrática e republicana, fundada em princípios éticos.

O segundo diz respeito ao exercício do ofício das lideranças religiosas, no sentido de contribuir para a construção de convivência respeitosa e pacífica entre adeptos de diferentes crenças”. Ah, o livro é da Editora Nandyala Livros e Serviços Ltda, de Belo Horizonte!

Admiradora do patrimônio cultural

do povo de santo, sou figurinha fácil nas festas do Ilê Axé Ogumfunmilayo – Casa de Cultura e Tradição Afrobrasileira de Minas Gerais, no Quintas Coloniais, em Contagem. É um deslumbre religioso e gastronômico o Caruru de Cosme e Damião, no dia consagrado a eles, 27 de setembro.

Uma festa linda e doce – uma vitrine do sincretismo religioso, como fala Leticia Cavalcanti: “A devoção nos foi trazida pelo colonizador português, tendo sido a primeira igreja, em honra deles, construída em Igaracu-PE (1530). Os escravos que aqui vieram, todos da África Ocidental (Angola, Costa do Marfim, Guiné e Congo), mantiveram os rituais religiosos e a fé nos deuses de sua terra distante. Inclusive nos orixás-meninos (ibejis). Mas aprenderam a sincretizar com os santos católicos, cujos cultos lhes eram impostos”.

DUKE

